

FEDERICO GAMBOA E ALUÍSIO AZEVEDO: MÉXICO, BRASIL E CATOLICISMO NA INTERNACIONAL NATURALISTA

Haroldo Ceravolo SEREZA*

- **RESUMO:** Romances naturalistas de todo o mundo são, geralmente, analisados tendo como paradigma obras europeias. Embora esse viés não possa ser inteiramente descartado, este artigo propõe uma leitura comparativa de dois autores latino-americanos, Aluísio Azevedo (Brasil) e Federico Gamboa (México), a partir de seus respectivos romances *O mulato* e *Santa*. Ambos os livros se caracterizam por abordar a religiosidade católica, referencial ideológico compartilhado por Brasil e México. Apesar dessa conexão, as visões apresentadas por esses romances são bastante diversas: enquanto *O mulato* adota uma postura evidentemente anticlerical, visando representantes da institucionalidade católica, Gamboa busca uma compreensão mais profunda da fé de suas personagens. Usando métodos do romance experimental, Gamboa constrói uma interpretação crítica, mas abrangente, do significado da religião na vida de suas personagens, principalmente da prostituta Santa, que empresta seu nome ao livro.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Naturalismo. Naturalismo no Brasil. Naturalismo no México. Literatura comparada. Interacional Naturalista.

Quando pensamos em naturalismo, é forçoso sempre levar em conta que os romancistas participam de um movimento propositivamente internacionalizado. Não se trata apenas de buscar um referencial estrangeiro, como muitas vezes aparece nas leituras críticas. Há mais do que “francesia” e “ingresia”, como definia Gilberto Freyre (2003) o desejo da elite patriarcal brasileira em importar modas e culturas europeias. Como defendemos em *O naturalismo e o naturalismo no Brasil* (SEREZA, 2022), há uma espécie de “Internacional Naturalista” que mobiliza escritores de todo o mundo, tendo um texto doutrinário como base, *O romance experimental de Zola*, e um grande modelo prático – a série dos Rougoun-Macquart, que, com seus vinte romances, é publicada durante a expansão do projeto pelo

* UFSCar – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, Departamento de Letras – Universidade Federal de São Carlos. Rodovia Washington Luis, km 235 - São Carlos - SP – BR. CEP: 13565-905. Email: hsereza@gmail.com.br.

mundo. Este projeto ganhou para si o trabalho e a militância de vários escritores de diversos países a partir do final do século 19, entre eles o Brasil – e, no caso que vamos tratar neste artigo, México.

Esse modelo de internacionalização e de “partidarização” do discurso literário guarda semelhança com novas formas de difusão de ideias pelo mundo do século XIX. Assim como o movimento operário, por meio de seus partidos mais ou menos radicais e de seus sindicatos, construiu redes de formação de quadros e de trocas de informações pelo mundo e organizou as duas primeiras internacionais, o naturalismo representou para a literatura uma combinação de engajamento num projeto específico e de diálogo permanente com literaturas universais, tendo seu centro em Paris e, como instrumento, a circulação nacional e internacional de jornais e revistas, especializados em cultura ou não. Essas características permitem que se compreenda esse movimento como uma espécie de “internacional literária”, que faz com que essa expansão se dê de modo mais organizado e “coerente” do que o ocorrido com a difusão do romantismo pelo Ocidente.

No caso do naturalismo, não houve uma instituição tão perene quanto foram as internacionais socialistas, mas os modelos de intervenção dos escritores, por meio de artigos críticos em publicações que produziam ou em que eram influentes, a realização de conferências e organização de grupos de intelectuais – do grupo das Soirées de Médan na França à Padaria Espiritual do naturalismo cearense –, permitem identificar um método de atuação política e de proselitismo na esfera literária. Mesmo a ruptura do grupo que se organizava em torno das Soirées de Médan, com o *Manifesto dos cinco*, após Zola publicar *A terra* (1887), se dá por meio de um método comum à vida política e à vida literária, ou seja, um texto coletivo que expressa uma opinião dissidente. Cinco jovens escritores, da considerada “terceira geração” naturalistas, defendem que, com o novo romance, “a decepção é profunda e dolorosa”:

La déception a été profonde et douloureuse. Non seulement l’observation est superficielle, les trucs démodés, la narration commune et dépourvue de caractéristiques, mais la note ordurière est exacerbée encore, descendue à des saletés si basses que, par instants, on se croirait devant un recueil de scatologie: le Maître est descendu au fond de l’immondice.¹

¹ O texto integral deste manifesto, em francês, publicado pelo jornal *Le Figaro* em 18 de agosto de 1887, após o lançamento de *La Terre*, pode ser lido em http://siecle19.freeservers.com/Manifeste_Cinq.html (acesso em 09 jun. 2023). O trecho citado afirma: “Não apenas a observação é superficial, o material é antiquado, a narração é banal e sem características próprias, mas o tom imundo é ainda mais exacerbado, descendente às sujeiras mais baixas, de modo que, por instantes, nos cremos diante de um compêndio de escatologia. o mestre desceu às profundezas de imundície” (Tradução de nossa autoria).

A ruptura agressiva entre a nova geração naturalista, muito menos afamada que a de Zola, expressa pelo manifesto mostra como havia divisões importantes entre os naturalistas. Mas revela também como o discurso combativo era mobilizado não apenas para adentrar os debates científicos, sociais e políticos do seu tempo: também a disputa estética interna entre os escritores se dava por meio de textos contundentes e faccionistas, que expressavam um naturalismo nem sempre unificado.

Os embates naturalistas, no entanto, também se expressam na produção ficcional, e não apenas nos textos que propõem projetos literários. Nesse sentido, a leitura comparada de romances de diferentes países pode ser um caminho interessante para pensarmos como a expansão mundial do naturalismo também se submeteu a questões locais e perspectivas individuais de diferentes escritores. Se pontos de aproximação entre as diferentes versões deste projeto literário eram mantidos, como o tom crítico, o gosto pela descrição, a preocupação com as “camadas baixas” (trabalhadores, pobres, prostitutas), as relações de poder e intimidade, a busca do escândalo e da popularidade, a adoção do método em contextos sociais e políticos muito díspares em relação à situação francesa trouxe abordagens inéditas para temas comuns.

Deste modo, faremos, neste artigo, uma abordagem comparativa de dois romances que marcaram o naturalismo em dois países latino-americanos: *O mulato*, de Aluísio Azevedo, e, o que nos interessa mais neste momento, *Santa*, do mexicano Federico Gamboa. São dois romances com fortes tintas anticlericais, mas com resultados significativamente diferentes, como vamos buscar apontar adiante. Já foram feitos estudos analisando os dois autores, e destaco o trabalho de João Sedycias (1993), que vou citar algumas vezes ao longo deste texto. Sedycias, no entanto, aproximou as prostitutas de Aluísio Azevedo em *O cortiço* da personagem Santa, de Gamboa. Creio, contudo, que o romance de Azevedo mais apropriado para pensar as diferenças entre ambos, no aspecto que escolhi, é outro: *O mulato*. Antes, porém, vamos situar um pouco esses autores no espaço internacional do naturalismo.

Assim como Aluísio é, provavelmente, o escritor mais representativo da década de 1880 do século XIX (*O mulato* é de 1881, *O cortiço*, de 1890, período em que escreve suas obras de sucesso) no Brasil, e sua prosa se mantém popular nos dias de hoje, Carlos Gonzalez Peña (1966, p. 224), em *Historia de la literatura mexicana*, escreve que “nenhum romance mexicano igualou em publicidade a *Santa*” (1903), a obra mais conhecida de Federico Gamboa (1864-1939), “reproduzida insistentemente no cinema e no teatro, e reimpressos milhares e milhares de exemplares”. Bella Jozef (2004, p. 80), na *História da literatura hispano-americana*, não deixa de registrar que, com Gamboa, “o naturalismo chega ao apogeu”. Para ele, Gamboa “possui profundo sentido da arte de romancista”, mas seu naturalismo “se limita aos fatos, ambientes e escatologia”. Leitoras e leitores mais contemporâneos não escondem o entusiasmo que a leitura ainda provoca,

livres de preocupações moralistas que muitas vezes contaminam a crítica. Cristina Pacheco (2007, p. XXVIII), autora de um recente prólogo a uma edição mexicana recente do livro, escreveu: “*Santa* puede leerse de muchas maneras: como historia de nota roja, novela cursi, pasquim escandaloso o como lo que de verdad es: un gran testimonio del porfiriato y la historia de una entre muchas víctimas de la miseria, la injusticia, la ignorancia y el machismo.”²

Vale aqui, antes de adentrar à leitura das obras, chamar a atenção para a distância temporal entre *O mulato*, a obra de Aluísio mais preocupada com a questão religiosa, e *Santa*. São 22 anos entre um livro e outro, o que significa que *Santa*, e mesmo as obras anteriores de Gamboa, são publicadas quando Aluísio já deixara de ser o autor prolífico dos anos 1880 e encontrara na diplomacia uma ocupação que o afastara relativamente da literatura, enquanto o mexicano conseguiu combinar o sucesso de sua própria carreira diplomática com a escritura. Como um movimento de caráter mundial, o naturalismo avança em diferentes ritmos em diferentes países do mundo. Ao contrário do que sugere Lúcia Miguel-Pereira, num texto canônico sobre o período, o naturalismo brasileiro não chega “atrasado” ao Brasil: é, antes, um dos primeiros espaços de sua expansão internacional, como podemos perceber a partir do estudo de Yves-Chevrel (1993), que elenca momentos-chave do processo: as “primeiras obras ‘naturalistas’ (1864-1869)” incluem *Germinie Lacerteux*, dos irmãos Goncourt, *Thérèse Raquin*, de Zola, *A educação sentimental*, de Flaubert, *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, e *Guerra e Paz*, de Tolstoi. Como podemos perceber, Chevrel, que essencialmente busca compreender a influência francesa sobre o naturalismo alemão, adota uma leitura bastante abrangente do que seria o naturalismo, num movimento que busca eliminar estigmas quanto a ele. Ainda assim, aquilo que ele chama de “primeira onda naturalista” começa apenas após em 1879, pouco depois do sucesso de *L’assomoir* (1876), de Zola, que o transforma num autor mundialmente conhecido. A partir de 1879, são publicados *A deserdada*, de Emílio Perez Galdóz, e *Uma viagem de noivos*, de Emilia Pardo Bazán, na Espanha, *Niels Lhyne*, de Jans Peter Jacobsen, na Dinamarca, e outras obras naturalistas na Itália, Suécia, Noruega etc. Chevrel publica mais duas tabelas, “o naturalismo triunfante”, para o período 1885-1888, carregado por *Germinal* (1885), e textos da Polônia (*A boneca*, de R. Prus, 1887), Portugal (*Os maias*, de Eça, 1888, e *Estética naturalista*, de J.L. Pinto, 1885), entre outras, e “a última onda naturalista, 1891-1895”, quando surge o nome do norte-americano Stephen Crane, autor de *Maggie* (1893) e *O emblema vermelho da coragem* (1895).

É interessante que o “internacionalismo” de Chevrel deixe escapar o naturalismo latino-americano – Aluísio, por exemplo, deveria ser incluído na “primei-

² “*Santa* ser lido de muitas maneiras: como um romance sensacionalista, um folhetim, um pasquim escandaloso, ou como o que na verdade é: um grande testemunho do porfiriato e da história de uma entre muitas vítimas da miséria, da injustiça, da ignorância e do machismo” (tradução minha).

ra onda naturalista” com *O mulato* e entre o “naturalismo triunfante” e a “última onda naturalista”, com *O cortiço*. Já Gamboa, cujo primeiro livro é de 1888 (*Del natural*), teria escrito *Santa* já depois da “última onda naturalista”. Podemos dizer que escapa ao crítico, talvez excessivamente centrado no projeto francês e alemão, essa dinâmica do movimento para além da Europa. Em 1903, Gamboa não estava sozinho, no Chile, Baldomero Lillo (1867-1923) publicou *Sub Terra* em 1904. Na Argentina, “houve um grupo de prosadores que conheceram – e alguns deles praticaram – pelo menos duas das modas francesas: o Parnasianismo e o Naturalismo. É o do grupo dos ‘homens de 89’” (IMBERT, 1995, p. 325). Em 1891, a peruana Clorinda Matto de Turner publicou *Aves sem ninho*. No Brasil, a estética naturalista seguiria dominante, a depender do recorte, até o movimento modernista de 1922.

Reconstruir a história do naturalismo literário na América Latina é, de alguma forma, recontar a história da literatura mundial numa perspectiva mais livre do eurocentrismo dominante. Porque, ainda que os modelos sejam europeus – franceses, portugueses e espanhóis, a atuação desses autores “segundos”, como mostra Antonio Candido (2004) no texto “De cortiço a cortiço”, incluído no livro *O discurso e a cidade*, pode ser, em muitas perspectivas, mais interessantes que os “originais”. E, nessa leitura descolonizadora, uma outra questão se coloca: a do tempo. Temos assim, na seção latino-americana da Internacional Naturalista, um distanciamento entre os autores que não é apenas geográfico, mas também temporal. E, a esses dois distanciamentos, somam-se outras características: a mediação literária exercida pelas ex-metrópoles (que, por rivalidades históricas, nem sempre se conversam) e a cultura, num sentido amplo, em que a obra é produzida. Consideradas essas condições, torna-se produtivo para pensar as diferenças entre dois romances anticlericais latino-americanos, um de Aluísio Azevedo, e *Santa*, de Gamboa. Essa comparação explicita dois caminhos naturalistas distintos para tratar da religiosidade, em países que são, neste momento, predominantemente católicos.

Em tese, do ponto de vista da religiosidade, o ambiente cultural os aproxima; os romances, no entanto, contradizem essa aparência. Aluísio adota um discurso de oposição explícita à Igreja Católica e consegue mirar, quase que exclusivamente, sua institucionalidade. Enquanto isso, Gamboa, em *Santa*, como que mergulha no catolicismo em si como um elemento estruturante da obra. Se em *O mulato* há uma denúncia da instituição católica como promotora do “preconceito de cor” contra Raimundo, o protagonista, em *Santa* o catolicismo é menos institucional que cultural. Ele perpassa todo o romance, do título ao último capítulo, começando pela introdução escrita em primeira pessoa numa voz feminina, como se fossem “memórias póstumas” da protagonista, que reclama:

Cuando reí, me riñeron; cuando lloré, no creyeron en mis lágrimas, y cuando amé, ¡las dos únicas veces que amé!, me aterrorizaron en la una y me vilipendiaron en la otra. Cuando cansada de padecer me rebelé, me encarcelaron; cuando enfermé,

no se dolieron de mí, y ni en la muerte hallé descanso; unos señores médicos despedazaron mi cuerpo, sin aliviarlo, mi pobre cuerpo magullado y marchito por la concupiscencia bestial de toda una metrópoli viciosa... (GAMBOA, 2007, p. XXXVII)³.

De maneira indireta, é possível dizer que *O mulato* também traz a questão religiosa para seu título. Raimundo, o protagonista, é um “bacharel mulato” (essa é uma expressão do Gilberto Freyre, em *Sobrados e Mucambos*, em que o sociólogo usará o personagem para ilustrar essa categoria social), inteligente, bonito, olhos claros, estudado em Coimbra. Seu amor por Ana Rosa é, no entanto, combatido pela elite católica de São Luís. Esse resistência a Raimundo é coordenada por uma personagem-chave, o cônego Diogo. Há uma vida pregressa de Diogo, que afastou Raimundo de sua mãe, a escrava (negra, portanto) Domingas, e do pai, José. Diogo, ainda padre, fora flagrado com Quitéria, mulher de José, que mata a mulher. Diogo e José estabelecem um pacto de silêncio sobre o crime, e também sobre a agressão sofrida por Domingas, amante de José, a mando de Quitéria. Quando Raimundo ainda é criança, José é morto numa emboscada, provavelmente a mando de Diogo. Raimundo é mandado, pelo tio, Manuel Pescada, para Coimbra, onde se forma. Na volta, ele e Ana Rosa, filha de Pescada, se apaixonam e ela engravida (depois, ela abortará).

O anticlericalismo de *O mulato* se expressa, assim, na figura de uma personagem que lembra em perfídia o Padre Amaro, de Eça de Queiroz. Nessa figura, se resume a igreja e a religião. Raimundo, porém, não é só a personagem principal do livro. É também o nome de São Raimundo, um santo cuja imagem Luís Dias, pretendente de Ana Rosa, tisonará com a fuligem de uma vela antes de assassinar Raimundo. “Afinal veio-lhe uma ideia, que lhe deu um sorriso de contentamento, acendeu logo uma das velas de cera, tomou pelas pernas a imagem de São Raimundo e tisonou-lhe a cara e a careca de encontro à chama do pavio. Depois da operação, o pobre santo parecia um carvoeiro; ficara tão negro como o seu companheiro de oratório, o engraçado São Benedito” (AZEVEDO, v. 1., p. 362). *O mulato* do título, portanto, não é só a personagem central, mas também o santo que é tisonado para emprestar-lhe o nome.

Azevedo dá, aí, forma plástica e dinâmica a um processo cruel da sociedade maranhense e, por extensão, brasileira. Filho de escrava, nascido escravo e alforriado na pia, o intelectual Raimundo tem tudo que um branco precisa ter para ser respeitado: educação em Coimbra, beleza, simpatia, cavalheirismo, cortesia.

³ “Quando ri, fui repreendida; quando chorei, não acreditaram em minhas lágrimas, e quando amei, as duas únicas vezes que amei!, me aterrorizaram numa e me vilipendiaram na outra. Quando cansada de padecer, me rebelei, me encarceraram; quando adoeci, não se doeram de mim e nem na morte encontrei descanso: alguns senhores médicos despedaçaram meu corpo sem aliviá-lo, meu pobre corpo machucado e murcho pela luxúria bestial de toda uma metrópole viciosa...” (tradução minha).

Até olhos azuis. Mas basta ele desejar algo que está reservado para um branco (no caso, a branca Ana Rosa) para que a “brancura” do seu caráter seja insuficiente para a sua completa assimilação. Passa-se, então, a tisonar a sua imagem com o negrume, a reforçar a herança negra, a tratá-la como uma marca indelével e, até, cômica. Ao tornar evidente a origem negra de Raimundo, o cônego Dias não apenas relembra que o personagem é mulato, mas, o que é ainda mais inaceitável para a sociedade, que é negro, “tão negro” como São Benedito. Assim, indiretamente, o mulato é também um nome santo, esse santo enegrecido por Luís Dias, que deixa de ser apenas São Raimundo para ser também um tanto São Benedito⁴.

Em *Santa*, a crítica à instituição Igreja Católica também está presente. Num momento central do romance, após a morte de sua mãe, a jovem prostituta protagonista busca conforto espiritual numa igreja. Acaba sendo expulsa por um clérigo, num episódio que remete a narrativas bíblicas. De acordo com Ana Maria Alvarado (1980, p. 60), no ensaio “Función del prostíbulo en *Santa* y *Juntacadáveres*”, a cena envolve uma enorme carga emotiva, que deve ser entendida como uma crítica à igreja que condena em vez de salvar, função imaginada pela sociedade. A partir de algumas observações de Alvarado sobre as conotações religiosas dos nomes e de trechos do enredo, João Sedycias (1993, p. 97-98) afirma que o nome da protagonista, Santa, é, como ponto de partida do romance, indicador de quanto o autor responde a uma tradição cultural que valoriza a religião católica. Ainda segundo Sedycias, mesmo que haja, em alguns momentos, ironia e crítica a essa religião, ela, no entanto, se esparrama por todo o romance, na forma de um dispositivo positivo que permite transcender o próprio dilema que o autor coloca em relação à religiosidade e a religião católicas.

Se o anticlericalismo é uma marca, ainda que mais suave, pelo qual Gamboa se associa ao naturalismo, é possível notar também, nesse movimento, um outro aspecto da obra. Quiçá influenciado pelo naturalismo católico da espanhola Emilia Pardo Barzán, Gamboa não exclui de seu romance uma leitura do profundo enraizamento social da religiosidade católica mexicana, e os sentimentos de culpa e desejo ligados a ela. Alexander Hooker, citado por João Sedycias, afirma que o caso de Gamboa é semelhante ao de Pardo Barzán, pois, em que pesem os temas proibidos e graves, os romances têm sempre um tom casto e moral. O fim moralista, no sentido quase religioso, funcionaria como uma justificativa para permitir o tratamento dos temas escolhidos (SEDYCIAS, 1993, p. 73).

⁴ Alguns trechos deste artigo utilizam-se de temas e eventualmente mesmo da redação desenvolvidos no livro *O naturalismo e o naturalismo no Brasil* (SEREZA, 2022), sobretudo quanto à internacionalização do naturalismo e a algumas leituras de *O mulato*. A comparação entre os romances, no entanto, é inédita em texto, tendo sido apresentadas oralmente, em 2019, no I Congresso Internacional Pensamento e Pesquisa sobre a América Latina, com o título “Naturalismo e catolicismo no Brasil de Aluísio Azevedo e no México de Federico Gamboa”.

Santa é a prostituta que vive a falta de opção na juventude, o abandono do primeiro namorado, as dores do aborto. Se Nana tem uma entrada triunfal e erótica no romance de Zola (não podemos esquecer, no entanto, que ela é filha de Gervaise, de *L'Assomoir*), Santa começa a trama como uma ingênua menina apaixonada, que é violentada pelo primeiro homem. O abandono por esse homem a deixa “sem opção”, mudando-se para o coração da cidade do México, onde viverá seus dias de glória num famoso bordel. Santa, agora, é idolatrada e reverenciada, por muitos homens, dos quais três são figuras centrais e emblemáticas: El Jaraméño, um toureiro, alegoria da força e da impetuosidade; o rico Ruivo, que representa o poder do dinheiro; e o pianista cego Hipólito, espécie de oráculo, aquele que em tese vê mais do que os que têm olhos, e que prevê sua queda, o que se confirma.

Numa noite, em que se sente realmente especial, Santa está cercada por vários homens. Ela sente-se contente, eles estão todos “de ella hambrientos”, ou seja, famintos dela, como acontecia todos os dias, naquela noite, no entanto excepcional,

[...] en que Santa considerábase reina de la entera ciudad corrompida; florecencia magnífica de la metrópoli secular y bella, con lagos para sus arrullos y volcanes para sus iras, pero pecadora, pecadora, cien veces pecadora: manchada por los pecados de amor de razas idas y civilizaciones muertas que no legaron el recuerdo preciso de sus incógnitos refinamientos de primitivos; manchada por los pecados de amor de conquistadores brutales, que indistintamente amaban y mataban”. (GAMBOA, 2007, p. 140)⁵.

Em meio a tantos pecados da cidade lembrados pelo narrador, Santa receberá, de seus irmãos Esteban e Fabián, a notícia da morte de sua mãe, dando início a sua própria queda. A sucessão de fatos, que Santa, como boa protagonista de um romance naturalista, não controlará, permitirá a Gamboa punir a prostituta que atingiu sua glória. Essa sequência de punições abre, porém, espaço para que a cosmologia católica volte a atuar: Santa busca a salvação na igreja, não a encontra; mas acaba ganhando a simpatia do leitor, uma espécie de perdão que transcende as palavras finais do romance.

Numa conferência sobre *Thérèse Desqueyroux* (romance publicado em 1927), o escritor católico francês François Mauriac afirmou, em 1932: “Sou como um

⁵ “[...] em que Santa considerava-se a rainha de toda a cidade corrompida; florecência magnífica da metrópole secular e bela, com lagos para seus murmúrios e vulcões para suas iras, mas pecadora, pecadora, pecadora, cem vezes pecadora: manchada pelos pecados de amor das antigas raças e civilizações mortas que não legaram a memória precisa de seus desconhecidos refinamentos de primitivos; manchada pelos pecados de amor dos conquistadores brutais, que indistintamente amavam e matavam”. (GAMBOA, 2007, p. 140) O texto segue na mesma toda, com Santa recebendo a culpa de diferentes “pecados originais”.

mestre-escola severo, mas que sofre como ninguém por ter uma secreta preferência pelo mau elemento, pelo caráter violento, pelas naturezas teimosas, e por não preferir, em seu íntimo, as crianças ajuizadas demais e que não lhe respondem” (MAURIAC apud SEREZA, 2018, p.23-24). Drummond, que traduziu este romance, com várias edições no Brasil, uma delas pela Cosac&Naify (2002), afirmou que Mauriac “versa sobre matéria proibida, matéria de escândalo; pintar o pecado é convidar a pecar” (MAURIAC apud SEREZA, 2018, p. 25).

Essa tensão da personagem Santa com o pecado é praticamente ausente em *O mulato*, em que nem Raimundo nem Ana Rosa sentem-se tocados pela culpa ou mesmo pela própria ideia de glória. Raimundo e Rosa não decaem do ponto de vista espiritual, porque o ateísmo de Aluísio Azevedo não lhe permite imaginar nem a plenitude nem o vazio que Santa experimenta. Gamboa, portanto, realiza um mergulho ideológico que leva seu romance a expressar a força da ideologia – ou da cosmogonia, como preferir o leitor – católica. É esse interesse e esse mergulho na religião que distancia Federico Gamboa de Aluísio Azevedo, ainda que a experiência de viverem em países católicos os aproximem.

Os naturalismos, definitivamente, não são todos iguais.

SEREZA, H. C. Federico Gamboa and Aluísio Azevedo: México, Brasil and catholicism in the International Naturalist. **Itinerários**, Araraquara, n. 56, p. 183-192, jan./jun. 2023.

- **ABSTRACT:** *Novels of naturalist movement around the world are usually analyzed using European works as paradigm. Although this bias cannot be entirely disregarded, this article proposes a comparative reading of two Latin American authors, Aluísio Azevedo (Brazil) and Federico Gamboa (Mexico), based on their respective novels *O mulato e Santa*. Both books are characterized by their approaches to Catholic religiosity, which is a common background shared by Brazil and Mexico. Despite this connection, these novels presented a quite diverse point of view: while *O mulato* adopts an evident anti-clerical position, targeting representatives of the Catholic institution, Gamboa seeks a deeper understanding of Catholic religiosity. Through experimental novel methods, Gamboa constructs a critical yet comprehensive interpretation of the significance of religion in the lives of his characters, particularly the prostitute Santa, who lends her name to his book.*
- **KEYWORDS:** *Naturalism. Brazilian naturalismo. Mexican naturalismo. Comparative literature. International Naturalism.*

REFERÊNCIAS

- ALVARADO, Ana María. Función del prostíbulo en Santa y Juntacadaveres. **Hispanic Journal**, vol. 2, no. 1, 1980, pp. 57–68. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/44283865>. Acesso em 9 jun. 2023.
- AZEVEDO, Aluísio. **Ficção completa. Vol. 1**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.
- BONNETAIN, Paul, ROSNY, J.-H., DESCAVES, Lucien, MARGUERITTE, Paul e GUICHES, Gustave. Le Manifeste des Cinq. Publicação original: **Le Figaro**, 18 ago. 1887. Disponível em http://sicle19.freesevers.com/Manifeste_Cinq.html. Acesso: 9 jun. 2023.
- CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.
- CHEVREL, Yves. **Le naturalisme – étude d’un mouvement littéraire international**. 2ª ed. Paris: PUF, 1993.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. Global: 2003.
- GAMBOA, Federico. **Santa**. México: Porrúa, 2007.
- IMBERT, Enrique Anderson, **Historia de la literatura hispanoamericana I**. México (DF): Fondo de Cultura Económica, 1995.
- JOZEF, Bella. **História da literatura hispano-americana**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Francisco Alves Editora, 2005.
- MAURIAC, François. **Thérèse Desqueyroux**. Tradução de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Cosac&Naify, 2002.
- PACHECO, Cristina. Prólogo. En los altares de Santa. Prólogo à GAMBOA, Federico. **Santa**. México: Porrúa, 2007.
- PEÑA, Carlos González. **Historia de la literatura mexicana, desde los orígenes hasta nuestros días**. México: Editorial Porrúa, 1966.
- SEDYCIAS, João. **The naturalistic novel of the New World**. Boston: University Press of America, 1993.
- SEREZA, Haroldo Ceravolo. **O naturalismo e o naturalismo no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2022.
- SEREZA, Haroldo Ceravolo. Morta em vida, a Teresa de François Mauriac. **Trinta e tantos livros sobre a mesa**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2018, p. 23 a 25.

